



EMBATE DA (IN)SUSTENTABILIDADE CAPITALISTA: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO PARA O CONSUMO

Felipe Alan Souza Santos
Universidade Federal do Pará

Jovenildo Cardoso Rodrigues
Universidade Federal do Pará

Resumo

Com o crescimento da sociedade de consumo, o ritmo das atividades econômicas tornou-se muito mais intenso, o que fez crescer de modo indiscriminado a interferência do ser humano sobre a natureza. Para muitos estudiosos, o modelo de desenvolvimento capitalista, baseado em inovações tecnológicas, na busca do lucro e do aumento dos níveis de consumo, precisa ser substituído por outro, que leve em consideração os limites suportáveis da natureza e da própria vida. Objetivou-se neste artigo compreender a dicotomia entre o desenvolvimento produtivo capitalista e a sustentabilidade. A metodologia desse trabalho está baseada em análise de textos buscando-se uma reflexão, sobre alguns autores que trabalham o processo de industrialização e as premissas da sustentabilidade. As conclusões derivadas dessa análise teóricas demonstraram que a sustentabilidade é inviável no sistema capitalista de produção, que segrega, dilapida e diminui a qualidade de vida de grande parte da população e dos recursos naturais existentes em nosso planeta.

Palavras-chave: Capitalismo, sustentabilidade, educação ambiental.

FIGHTING CAPITALIST (IN) SUSTAINABILITY: CONTRIBUTIONS FROM EDUCATION TO CONSUMPTION

Abstract

With the growth of the consumer society, the pace of economic activities has become much more intense, which has increased the interference of human beings on nature. For many scholars, the capitalist development model, based on technological innovations, in the pursuit of profit and the increase in consumption levels, needs to be replaced by another one, which takes into account the bearable limits of nature and life itself. The aim of this article was to understand the dichotomy between capitalist productive development and sustainability. The methodology of this work is based on analysis of texts seeking a reflection, about

some authors that work the industrialization process and the premises of sustainability. The conclusions derived from this theoretical analysis demonstrated that sustainability is not viable in the capitalist system of production, which segregates, dilutes and diminishes the quality of life of a large part of the population and of the natural resources existing on our planet.

Keywords: Capitalism, sustainability, environmental education.

INTRODUÇÃO

O planeta vivencia um período de constantes transformações no que se refere ao meio ambiente e ao modo do homem avaliar e atuar em relação a seu habitat. A mídia expõe suas atenções para a ação dos seres humanos relativas à natureza destacando a ocorrência de incêndios florestais, do aumento do desmatamento, sobre as alterações climáticas, como o efeito estufa e o aumento do buraco da camada de ozônio.

A grande quantidade de compostos tóxicos que reage com os gases da atmosfera torna a poluição do ar uma questão de dimensão mundial. A chuva ácida, a destruição da camada de ozônio e o efeito estufa estão entre os problemas ambientais que têm afetado boa parte da humanidade e anunciam um cenário pessimista para um futuro não muito distante (MENDONÇA, 2003, p. 291).

A paisagem natural vem se modificando com as intervenções dos seres humanos, deixando de ser uma paisagem natural e passando a ser uma paisagem transformada, atendendo aos ideais humanos de cada sociedade (VESENTINI, 2004, p 192).

A ciência passou a trabalhar junto com a sociedade em prol da diminuição de tais problemas, novas técnicas são criadas, como a instalação de filtros em chaminés de fábricas, dessalinização das águas, porém a cada dia novos problemas aparecem como o aquecimento global, o desmatamento, o alto consumo de produtos não necessários, como exemplo, a compra de um óculos de mergulho por um indivíduo que não mergulha, características predominante das sociedades ocidentais, que são direcionadas por um sistema econômico que prega a multiplicação do capital e a crescente exploração dos recursos naturais (BOLIGIAN, 2009, p. 40-42).

Esse artigo tem como objetivo compreender a dicotomia entre o desenvolvimento produtivo capitalista e a sustentabilidade. A metodologia desse trabalho está baseada em análise de textos buscando-se uma reflexão sobre o pensar a sustentabilidade no sistema capitalista de produção.

A proposta fundamental neste artigo para buscar a sustentabilidade e a educação ambiental, que deve ficar responsável em conduzir de forma racional e crítica as

atitudes de consumo da população, uma educação que conduza a uma sensibilização dos dilemas e a pluralidade que envolve as questões ambientais.

É necessário pensar a educação ambiental para a compreensão do equilíbrio dos sistemas naturais, ou seja, da relação homem e natureza e da própria relação homem e homem, buscando uma equidade social, política e ambiental.

Essa visão crítica que a educação ambiental almeja, possibilita entender as questões presente na contemporaneidade e a busca de soluções para o presente e para um futuro próximo sobre as faces das relações sociais e ambientais.

As sociedades atuais devem ser esclarecidas e não acríticas. A educação ambiental deve ser entendida como uma garantia de manutenção da vida no planeta, fazendo com que a geração atual possa viver um bem-estar, além de se preocupar com o das futuras gerações. A educação para o ambiente deve ser praticada de fato por toda a sociedade, principalmente nas ocidentais que exercem o capitalismo em toda sua esfera econômica. É necessário discutir os problemas ambientais.

A educação para o meio ambiente é o modo mais rápido e efetivo para o homem se enxergue enquanto natureza, responsabilizando-se sobre suas atitudes frente aos seus habitats. É através desta que o cidadão contemporâneo procura melhorar seus hábitos referentes ao uso, ao consumo e ao aproveitamento dos recursos por ele adquirido. .

Para tanto o homem do presente deve ser informado sobre os princípios de respeito à natureza que são defendidos pela educação ambiental, concretizando o fazer, o conservar e preservar o meio ambiente, quebrando a forma paradigmática capitalista da relação homem e natureza que vê a natureza como um imenso bloco de lucro e de inesgotável dívida de recursos naturais, comprovando que a sustentabilidade neste sistema somente será alcançada através de uma educação ambiental emancipatória, crítica e racional. Pois da maneira que o capitalismo vem se apropriando das relações socioambientais na contemporaneidade vem tornando a busca por a sustentabilidade planetária em insustentável.

NEOLIBERALISMO E A SOCIEDADE DE CONSUMO: A INSUSTENTABILIDADE DA SUSTENTABILIDADE.

(...) não se trata apenas de denunciar as distorções e falsidades do pensamento neoliberal, tarefa de uma crítica tradicional da ideologia, mas de identificar e tornar visível o processo pelo qual o discurso neoliberal produz e cria uma “realidade” que acaba por tornar impossível pensar e nominar uma outra “realidade” (GUIMARAES, 2000, p. 49 apud SILVA, 1995, p. 16).

Para iniciar o diálogo é necessário refletir sobre a obra de Carlos Walter Porto-Gonçalves intitulado *A globalização da natureza e a natureza da globalização*

(2006), sendo que o artigo buscará desenvolver uma abordagem mais relativa às feições do capitalismo industrial frente aos pressupostos teóricos da sustentabilidade.

O capitalismo consolidou-se como um forte sistema econômico e político durante a Revolução Industrial, que teve seu apogeu na Inglaterra, França e Alemanha nos séculos XVIII e XIX (PORTO-GONÇALVES, 2006). A partir de então, o desenvolvimento do capitalismo foi acompanhado por uma utilização cada vez maior de recursos naturais e máquinas que passaram a substituir o trabalho humano.

Durante todo esse período, o capitalismo evoluiu gradativamente, passando por diferentes fases, tornando-se o sistema político-econômico praticado pela maioria dos países do mundo, principalmente no ocidente, que passaram a adotar uma economia de mercado.

Dentre algumas características desse sistema político e econômico é interessante destacar: a conhecida economia de mercado, onde a produção é dirigida ao comércio e o seu preço é regulado pela lei da oferta e da procura. Assim o comércio e o consumo são peças fundamentais para o capitalismo, por isso que, em todo o mundo ocorre a crescente necessidade de extração e por resultado a destruição dos recursos para satisfazer um crescente mercado consumidor (BOLLIGIAN, 2009).

Na livre concorrência, os preços dos bens e serviços são definidos pela livre concorrência que objetiva, no entanto o maior lucro. Nessa esfera as empresas fazem competição por um número maior de consumidores para os seus variados tipos de produtos e serviços.

Outra característica do capitalismo é o predomínio da propriedade privada significa que os meios de produção são de propriedade daquele que possui o capital, assim, qualquer indivíduo é livre para comprar empresas, terras ou abrir um negócio, apenas lhe basta possuir o capital financeiro para tal.

O último ponto a ser levantado sobre o sistema capitalista é a divisão em classes da sociedade. Existem basicamente duas classes os burgueses donos do capital e dos meios de produção e os proletários que vedem sua força de trabalho para enriquecer cada vez mais o dono do capital. Essa dinâmica contraditória de acesso ao capital é que faz existir uma dicotomia espacial, ou seja, uma segregação da maior parte da população que não tem acesso as riquezas geradas através do seu trabalho e da apropriação dos recursos da natureza (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Isto faz com que ocorre uma nítida separação da maioria da população aos setores, econômica, cultural, político, social, vivendo muitas das vezes abaixo no índice da pobreza, com menos de um dólar ao dia (VESENTINI, 2004). O modo como o capitalismo se organiza e se desenvolve tem sido apontado como a principal causa dos grandes dilemas que enfrentamos na atualidade, ou seja, esse sistema não tem sido capaz de assegurar uma convivência harmoniosa entre os seres humanos e deste com a natureza.

Para esse modelo societal, o meio ambiente e o ser humano são concebidos de modo dicotômico. Historicamente, o ser humano inserido nesse modelo societário sente-se separado, não integrante ao ambiente natural. Percebe esse ambiente como suporte para o desenvolvimento a partir de uma visão servil, utilitarista e consumista, de dominação totalitária da natureza, potencializando uma desnaturalização da humanidade. Rompe assim as relações de equilíbrio entre seres humanos em sociedade e o meio ambiente (GUIMARÃES, 2000, p.25).

Nessa perspectiva muitos estudiosos além de Porto-Gonçalves (2006), como Enrique Leff (2005), José Aroudo Mota (2001), James D. Nations (2002), Maria Lúcia Azevedo Leonardi (2002), entre outros, afirmam que a profunda crise pela qual o mundo hoje passa é gerada pelo próprio sistema capitalista que ver o produto da natureza serem extraído para satisfazer os ideais de consumo, troca e prazeres desnecessários da parte dominante da sociedade.

Essa crise ambiental segundo Leff (2005), atingem as mais variadas dimensões da vida, desde aquelas relacionadas aos valores e à dignidade humana até aquelas que dizem respeito à natureza e à preservação do meio natural.

Vê-se portanto, que o processo de globalização traz em si mesmo a globalização da exploração da natureza com proveitos e rejeitos distribuídos desigualmente. Vê-se, também, que junto com o processo de globalização há, ao mesmo tempo, a dominação da natureza e a dominação de alguns homens sobre outros homens, da cultura européia sobre outras culturas e povos, e dos homens sobre as mulheres por todo o lado (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 25).

Com o crescimento da sociedade de consumo, o ritmo das atividades econômicas tornou-se muito mais intenso, o que aumentou de modo indiscriminado a interferência do ser humano sobre a natureza. Para atender a um grande mercado é necessária uma superprodução e, por conseguinte uma grande quantidade de recursos naturais, desde modo o sistema capitalista é antagônico ao sistema sustentável (BOLIGIAN, 2009; MENDONÇA, 2005; VESENTINI, 2004).

A natureza passou a ser vista apenas como fonte de matérias-primas. Nesse sentido é interessante ligar esse aspecto ao que descreve José Aroudo Mota (2001) sobre a natureza do valor e o valor da natureza, o que deflagrou um intenso processo de degradação. Esse distanciamento entre os seres humanos enquanto sociedade e o meio natural produzem e reproduzem a degradação da relação sistêmica dos mesmos, pois a natureza passa a ter um valor econômico (valor da natureza) e não uma valoração de pertencimento, de respeito e da vida.

A exploração desenfreada da natureza alcançou níveis sem precedentes em toda a história, ocasionando profundas mudanças nas paisagens terrestres. As florestas e matas são devastadas para ceder lugar às lavouras e pastagens ou para a

retirada de madeira, levando um grande número de seres vivos à beira da extinção, causando modificações em ecossistemas naturais ou mesmo nas esferas culturais como nas próprias cidades urbanizadas (BOLIGIAN, 2009, EHRLICH, 1997).

Todas as pessoas em todos os lugares devem entender a importância da perda da biodiversidade, não apenas em florestas tropicais, zonas costeiras e outras regiões do mundo climaticamente definidas, mas também em regiões demograficamente delineadas, tais como áreas urbanizadas (EHRLICH, 1997, p. 34).

O aumento de todos esses problemas pode comprometer a manutenção da vida no planeta (MENDONÇA, 2003). Para muitos estudiosos, o modelo de desenvolvimento capitalista, baseado em inovações tecnológicas, na busca do lucro e no aumento dos níveis de consumo, precisa ser substituído por outro, que leve em consideração os limites suportáveis da natureza e da própria vida. Como o principal objetivo da economia capitalista é a obtenção de lucro, os interesses estão voltados para uma produção cada vez maior e mais rápida, o que tem levado a uma dilapidação crescente dos recursos naturais existentes em nosso planeta.

A degradação ambiental atingiu níveis tão alarmantes que já ameaça o funcionamento da própria biosfera que sustenta a vida no planeta, emergindo com esses problemas a necessidade de se pensar em um equilíbrio sustentável, tanto para o crescimento humano como para com o equilíbrio da esfera natural (LEFF, 2005).

Essa problemática ambiental fez com que crescesse a necessidade de política pública ambiental. Para José Aroudo Mota (2001), política pública é uma área relativamente nova da Ciência Política, e seu desenvolvimento teve início, com o reconhecimento de que as políticas adotadas até então comprometiam o bem-estar das sociedades e da natureza.

Para Mota (2001) uma política pública ambiental é uma tomada de decisão sobre a gestão dos recursos naturais, combinando ações e compromissos em que estão envolvidos a sociedade em geral e os poderes legalmente constituídos. Então se faz necessário planejar e efetivar políticas que levem em conta a sustentabilidade das sociedades e de suas relações com o meio ambiente, que permita a sociedade compreender e buscar a conservação da vida em nosso planeta, sabendo-se que também essa sociedade é integrante da biosfera terrestre. Uma prática que promove essa mudança de atitude sobre o meio ambiente é a Educação Ambiental (LEONARDI, 2002; GUIMARÃES, 2000).

Assim o que pode constatar é que o imperativo econômico nunca irá ser sustentável, uma vez que para o crescimento do capitalismo sempre será necessário retirar recursos naturais e mão-de-obra humana. O que se deve buscar são ações amenizadoras de retirada desses recursos pelas diversas sociedades.

Essa mudança deve ser almejada pela possibilidade da mudança comportamental que pode ser alcançada pela Educação Ambiental. Ao preconizar uma nova relação homem, sociedade e natureza, baseada em valores de racionalidade social, que busquem a paz, a não violência, a justiça social e a solidariedade, a humanidade cria um novo estilo de vida e de produção. Fomentando um caminho para o tão sonhado desenvolvimento harmônico do presente com as gerações futuras, denominada sustentabilidade.

Essa educação deve se preocupar em embasar sobre conhecimento da educação ambiental todos os indivíduos da sociedade para que esses possam agir de forma crítica na sociedade (LEONARDI, 2002). O homem do passado por conhecer o antigo encarregou-se de preparar o do presente, assim como, o homem do presente por conhecer e criticar o do passado fica encarregado de buscar o melhor caminho a ser trilhado para o direcionamento ético da relação homem e natureza das sociedades futuras.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SEU PAPEL NA LUTA PELA SUSTENTABILIDADE

Segundo o relatório *Nosso Futuro Comum* (1987) o desenvolvimento sustentável é um novo tipo de desenvolvimento capaz de manter o progresso humano não apenas em alguns lugares e por alguns anos, mas em todo o planeta em um futuro longínquo. Esse desenvolvimento atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades a sustentabilidade.

Considerando que o conceito de desenvolvimento sustentável sugere um legado permanente de uma geração a outra, para que todas possam prover suas necessidades, a sustentabilidade, ou seja, a qualidade daquilo que é sustentável, passa a incorporar o significado de manutenção e conservação dos recursos naturais (BARBIERI, 2008, p. 37).

O significado do termo desenvolvimento, muitas das vezes, é tido como sinônimo de crescimento, mas é importante enfatizar que o crescimento refere-se a incremento quantitativo fortemente ligado a valores e a crescimento econômicos com a crescente exploração de recursos naturais, divergindo do enfoque que propõe o desenvolvimento sustentável.

Já o termo desenvolvimento sustentável, enquanto relação de equilíbrio quanto ao uso dos recursos pelos homens implica em uma melhoria qualitativa no uso do meio ambiente, ou seja, uma relação racional de uso dos recursos providos pelo meio natural pela sociedade. Sugere ainda uma evolução nas relações sociais em busca de melhor qualidade de vida. Busca a harmonia na relação homem e natureza. O objetivo desse desenvolvimento dito sustentável seria caminhar na direção de um desenvolvimento que integrasse os interesses sociais, econômicos e as possibilidades de respeito aos limites da natureza (CAMARGO, 2003).

Para Antunes (2001) esse objetivo somente irá vigorar através da efetiva discussão e prática da educação ambiental, daquela que conduza de forma crítica

e ativa conhecimentos sólidos para os educandos, e que faça crescer neles o desejo de modificar-se enquanto cidadãos que compreendam o valor da natureza para nossa sociedade.

A educação Ambiental apresenta-se como uma dimensão do processo educativo voltada para a participação de seus atores, educandos e educadores, na construção de um novo paradigma que busque a compreensão e solução dos dilemas populares aspirando uma melhor qualidade de vida, tanto na esfera econômica quanto na esfera ambiental e social.

Para Barbieri, quatro objetivos principais devem ser levados em conta para a prática de educação ambiental. Essa educação deve promover uma abordagem dinâmica, interativa e multissetorial do manejo dos recursos, possibilitando o uso racional dos mesmos que devem ser analisados observando as necessidades de cada comunidade (2008, p. 119).

Assim a Educação Ambiental é fundamental para a integração homem e o meio ambiente, e para a efetivação da relação harmoniosa e consciente do uso dos recursos da natureza sem esgotá-la. Essa educação para lidar com o meio ambiente possibilita através do incremento de novos conhecimentos, valores e ações, a inserção dos educandos e dos educadores no processo de contenção da atual crise ambiental pela qual o nosso planeta está passando (GUIMARÃES, 1995; LEFF, 2005).

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, podemos afirmar que a sociedade contemporânea precisa de uma nova direção política, econômica, social e cultural para se chegar a uma sustentabilidade. A mesma deve se engajar na busca de novos modelos de relação sociedade e natureza, diferentes do capitalismo que segrega e ameaça a autorregulação natural do nosso planeta.

É fundamental um modelo diferente de apropriação de recursos naturais e de consumo daquele que se prega desde a Revolução Industrial, o qual é responsável pela insustentabilidade das relações homem-natureza e homem-homem (GUIMARÃES, 2000).

É fundamental se criar alternativas de produção e de consumo sustentáveis, que valorizem a natureza como necessária a vida de todas as espécies do planeta, inclusive a humana.

A educação ambiental é um processo de educação política e transformadora que possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades, bem como resulta na formação de atitudes que possa contribuir para uma cidadania. Essa educação em prol do ambiente é mais que uma disciplina, ela conduz a melhoria da qualidade de vida e ao equilíbrio dos ecossistemas para todos os seres vivos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Um método para o ensino fundamental**: o projeto. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**: as estratégias de mudanças da agenda 21. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOLIGIAN, Levon, Et al. **A dinâmica dos espaços da globalização**. 3. ed. São Paulo: Atual, 2009.

CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento Sustentável**: dimensões e desafios. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

CAVALCANTI Clóvis. **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 2.ed. Cortez: 1999.

GUIMARAES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Educação ambiental**: no consenso um embate? 5. ed. Campinas, Sp: Papirus, 2000.

LEONARDI, Maria Lúcia In: **Educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual**. 4.ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

_____. Clóvis. Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas. FEARNside, Philip M. In: **Serviços ambientais como estratégia para o desenvolvimento sustentável na Amazônia rural**. 4.ed. São Paulo: Cortez: Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

DIEGUES. Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MENDONÇA, Cláudio, et al. **Geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2003.

PELICIONI, M. Cecília Focesi. **Educação Ambiental**: desenvolvimento de cursos e projetos. REIGOTA, Marcos. In: **Educação Ambiental: Compromisso político e competência Técnica (33-35)**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde pública. Núcleo de informação em saúde: Signus, 2002.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MOTA, José Aroudo. O valor da natureza economia e política dos recursos ambientais. In: **Políticas públicas ambientais, ética e valor do meio ambiente**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

VESENTINI, J. William, et al. **Geografia Crítica**. 31. ed. São Paulo: Ártica, 2004.

WILSON. E. O. ET al. Biodiversidade. EHRLICH, Paul R. In: **A perda da diversidade**: causas e conseqüências. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997 (27-35).

_____. E. O. Et al. Biodiversidade. EHRLICH, Paul R. In: **A ecologia profunda encontra o mundo em desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.